

A MEDICINA TROPICAL NO SÉCULO XXI

Sinval Pinto Brandão Filho¹ e Carlos Henrique Nery Costa²

1. Pesquisador do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ, Recife, Pernambuco. Primeiro secretário da Diretoria da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), biênio 2011-2013, E-mail: sinval@cpgam.fiocruz.br

2. Professor da Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí. Presidente da SBMT, biênio 2011-2013, E-mail: chncosta@gmail.com

Os trópicos, uma denominação precisa mediante a delimitação pelos Trópicos de Câncer e Capricórnio, mas vaga, diante da noção elusiva que permeia a nossa cultura, tem dois tristes marcadores além da geografia, que determina o clima tropical. Estes marcadores são a pobreza e as doenças.

Por que os trópicos são pobres tem sido assunto de estudos e debates desde o início do século XXI. Intelectuais e economistas como Jared Diamond, William Easterly, Jeffrey Sachs, Michael e Christian Parenti, Paul Collier, Daron Acemoglu e James Robinson têm analisado dados e elaborado interessantes hipóteses sobre a razão das nações mais pobres terem ficado para trás, particularmente após a revolução industrial, e o porquê de estarem situadas nos Trópicos. Infelizmente, nenhum deles é originário ou trabalha em alguma nação tropical. As razões apontadas variam desde a distribuição das massas continentais que, em momentos críticos da história humana teriam levado a uma desvantagem inicial, irrecuperável. Outros apontam para itens tais como a cultura, os avanços tecnológicos e os atributos peculiares aos próprios Trópicos como a origem da pobreza tropical. Entretanto, a hipótese aparentemente mais coerente reside nas instituições tropicais menos geradoras de crescimento econômico sustentável e das demais nações mais pobres, geradas por circunstâncias históricas.

De qualquer modo, certamente a pobreza e o clima, aliados à ecologia de parasitas e de outros agentes infecciosos, suscitaram doenças tidas classicamente como tropicais. As mais notórias delas são a malária, a esquistossomose, as tripanossomíases (doença de Chagas e a doença do sono), as leishmanioses, entre outras, confundidas com a noção original criada por Sir Patrick Manson, no apogeu do Império Britânico. Todas têm como elemento comum o fato de originariamente serem rurais, parasitárias e transmitidas por vetores. Entretanto, além delas se situam outras que não são parasitárias, como a febre amarela, ou de não serem rurais, como a dengue, e nem de serem transmitidas por vetores, como a cólera, a tuberculose e a lepra. A elas se junta agora a AIDS, certamente a mais séria de todas as doenças tropicais, originada do centro da África e, na África, gerando a sua maior carga.

O século XX presenciou um dos mais dramáticos movimentos da humanidade, que foi a diáspora do campo para as cidades. Em movimento maciço, o mundo predominantemente rural transformou-se rapidamente em um mundo urbano. Enquanto as causas deste movimento são múltiplas, associando-se a atração exercida pela organização urbana, aliaram-se dois poderosos propulsores da urbanização. Um deles foi a revolução verde, representada pela descoberta dos

fertilizantes químicos e o outro foi o subsídio para agricultura dos países ricos. Ambos levaram à miséria as populações agrícolas que viviam da produção de subsistência nos Trópicos. O resultado foi devastador. A maciça migração para cidades, sem indústrias ou sem empregos, levou a uma nova miséria, a uma nova pobreza. Esta nova pobreza está localizada nas favelas dos Trópicos. Lá, não só residem as doenças infecciosas que se adaptaram às cidades em expansão, mas novas patologias em novas circunstâncias de geração de sofrimento, como a violência, o abuso de drogas, o tráfico, as doenças mentais associadas à pobreza, ao medo e ao sofrimento. E além delas, todo o ambiente urbano devastado dos trópicos gera a novíssima causa de morte representada pelas mortes e lesões permanentes trazidas pelos acidentes de motocicletas.

É a este novo cenário das doenças tropicais, as cidades, e a este novo ambiente, não apenas as longínquas regiões rurais, que a Nova Medicina Tropical deve se dedicar.